



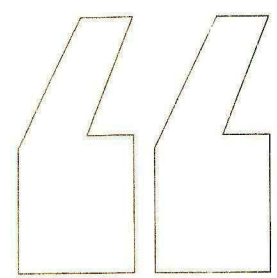
Eleições 2010

O GLOBO

candidatos no

“Lula defendeu quem não teve sigilo violado”

Candidata verde diz que houve ‘banalização do dolo’ no episódio da Receita Federal e afirma que adversários ficam reféns de alianças fisiológicas



Se ganhar, quero ganhar ganhando. Se perder, quero perder ganhando. Porque tem muita gente que ganha perdendo; essas alianças incoerentes que têm aí, é ganhar perdendo; ganha mas continua refém do fisiologismo, ou do PMDB ou dos Democratas

Estamos num dilema. A eleição resvalando para o vale-tudo

Lamentavelmente, (a manifestação do presidente veio) na forma da defesa da sua candidatura e não dos milhares de brasileiros que tiveram seus sigilos fiscais quebrados.

A funcionária que violou o sigilo de mais de duas mil pessoas é uma funcionária emprestada, terceirizada, geneticamente modificada na Receita Federal

A Dilma e o Serra são muito parecidos. Na visão de mundo, no estilo pessoal, gerencial

Acho que a minha concorrente quase está aposentando o cidadão porque acha que basta o seu anfitrião. Quero tirar o eleitor do anonimato

Estamos vivendo uma situação terrível. Por quê? A gente está vivendo certa prosperidade econômica, alguns avanços sociais. E, na política, o retrocesso

As pessoas começam a infantilizar a sociedade. Agora também temos Estado pai, Estado mãe, Estado tio, Estado avô

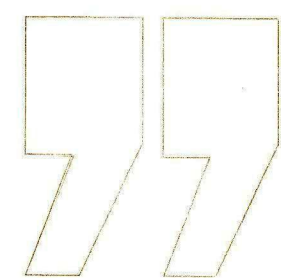
Não adianta eleger qualquer um e achar que vai, num passe de mágica, virar um grande deputado, um grande senador. Não existe essa história de dar o beijo no sapo para ele virar príncipe

Há uma visão equivocada na sociedade e no governo que opõe meio ambiente e desenvolvimento

É fundamental que se tenha o controle da inflação pela redução do gasto público, não dispensando investimentos nas áreas estratégicas.

Estou preparada para enfrentar Dilma ou Serra no segundo turno

Estou muito feliz com esses 10% até agora



• **ANCELMO GOIS:** Essa pergunta eu fiz aqui no auditório, em 2002, para os candidatos Lula, Serra... Fiz também em 2006. Vou repetir a pergunta até o que acho que pouco ou nada foi feito, o que fazer para diminuir a violência nas ruas das cidades do Brasil, concretamente?

• **MARINA:** O problema da violência é grave, e não está dissociado de outras formas de violência, que é a falta de oportunidade, de vida digna. Existe uma violência real que é termos, praticamente, uma pessoa armada em cada esquina, afrontando a sociedade, afrontando a vida, o estado democrático de direito. Precisamos, além de aumentar investimentos, o treinamento continuado para policiais, da remuneração adequada para que eles parem de fazer do trabalho no Estado um bico, fazer uma reforma da segurança pública. E, com essa reforma, a gente poder, cada vez mais, fazer um trabalho conjunto de repressão ao crime organizado, ao tráfico de drogas, ao tráfico de armas. Trabalhar com inteligência para que a gente possa dar uma resposta a esse grave problema. Sem negligenciar políticas que integram esse mosaico de ações para o combate à violência que é termos um trabalho com militares como vem sendo feito até com as UPPs. É que essa pequena experiência no Rio está sendo sucubida porque a base e tá imperteita lá. Combater violência é política integrada, mas é acabar com o foco da certeza de impunidade. O que gera a reincidência do crime é impunidade. Fisso o Estado brasileiro está falhando. É uma ação que tem que ser do governo federal, dos estados e da sociedade.

• **MÍRIAM LEITÃO:** Durante seu período no Ministério do Meio Ambiente, a senhora enfrentou oposição a suas ideias e projetos, tanto no Ministério de Minas e Energia quanto na Casa Civil, quando a titular era a candidata Dilma Rousseff. A senhora acha que as decisões da candidata Dilma Rousseff em projetos como a usina de Belo Monte representam um risco ao meio ambiente? As decisões que ela tomou repletas um risco ao meio ambiente? Sim ou não?

• **MARINA:** Há uma visão equivocada na sociedade e no governo que opõe meio ambiente e desenvolvimento. Lamentavelmente, os principais partidos que temos no comando da situação ou da oposição oficial têm essa compreensão equivocada de desenvolvimento. Isso é o que está presente no governo. A ministra Dilma, lamentavelmente, tem essa mesma visão. Do mesmo jeito identico essa mesma visão do governador Serra. Eles têm visão desenvolvimentista, crescentista, que coloca em oposição meio ambiente e desenvolvimento. Isso permaneceu dentro do governo, quando, na verdade, deveria ter uma visão de transição. Não tem como resolver o problema da noite para o dia. Mas, se você se dispõe a tratar grandes investimentos da infraestrutura, integrando, inclusive, as conquistas que já temos, você tem como ter um licenciamento. (...) Tratam o meio ambiente como externalidade. Não é externalidade. É uma questão a ser resolvida.

• **MÍRIAM:** A senhora disse que, lamentavelmente, nenhum dos dois candidatos tem uma visão atualizada da questão e, então, posso concluir que a eleição de qualquer um dos dois representa um risco ao meio ambiente, a essa visão de desenvolvimento sustentável?

• **MARINA:** Representa o risco de não se fazer a transição. Representa o risco de não colocar essa questão como estratégia central num país como o Brasil. Representa o risco de sermos, em pleno século XXI, o país do século XX, que será um grande atraso, como disse Sérgio Abrantes dia desses num artigo que escrevi. Concordo inteiramente. Lamentavelmente, o Brasil, que ainda reúne as melhores condições para dar esse passo, não tem um pensamento estratégico para fazer isso. Por isso, me coloquei para mostrar que o meio ambiente não é a disputa do verde pelo verde. É como criar novas oportunidades de negócios, novos produtos, novos materiais, nova fase de conhecimento, produzir mais com menos recursos naturais. É fazer a competição pelo caminho de cima. Agora, para isso, precisa de visão estratégica. E as pessoas estão querendo discutir quem é o melhor gerente para o Brasil. Não é isso que vai fazer com que a gente saia desse atraso.

• **ILIMAR FRANCO:** Como a senhora, de um partido pequeno, como o PV, pretende fazer a relação do Executivo com o Congresso? Como pretende obter a maioria

parlamentar para aprovar suas medidas, sem ter base partidária expressiva?

• **MARINA:** Estamos diante de um paradoxo. Os partidos que dizem ter base de sustentação, um leque de alianças, ficaram 16 anos e não fizeram. E não fizeram, exatamente, por causa dessas alianças. Paradoxalmente, eu, que não estou nesse leque de alianças, talvez seja a que reúna melhores condições de fazer porque estou dizendo que estou querendo me juntar com os melhores do PT, do PSDB, do PMDB, e tenho a visão de que reformas precisam ser feitas. Enquanto os brancos deles estiverem algemados pela velha política de 500 anos, na qual o que vale é o fisiologismo, é o quem dá mais pontos na próxima eleição... Estou apostando no que chamo de realinhamento histórico, onde incluo o que é estratégico para o Brasil e os brasileiros, para que a gente possa, em cima de uma visão programática, envolver as pessoas para saírem deste lugar comum. Tenho dito que o caminho pode ser uma constituinte exclusiva. Não sei se é possível. Estou buscando pelo menos uma nova maneira de caminhar. Não dá para continuar acreditando que, com as mesmas alianças, com os mesmos, vão fazer o que não fizeram em quatro anos, depois seguiram mais quatro e, agora, estão pedindo mais quatro.

• **ILIMAR FRANCO:** Os políticos que vão se eleger são os de sempre. Como pretende embutir nessas mentes acostumadas com as mesmas práticas esse novo jeito de pensar a política? Por que eles fariam isso?

• **MARINA:** Você sabe que não. Aconteceu uma coisa fantástica neste país chamada Ficha Limpa. Você sabia que o Ficha Limpa já tirou boa parte dos mesmos de sempre? Levaramos mais sei lá quantos anos para retirar determinadas figuras da política brasileira porque, pelo voto, eles iam voltar indefinidamente, com a ilusão de que estavam sendo absolvidos, ungidos, sacramentados pelo voto popular. O Ficha Limpa já tirou uma parte. (...) Você sabe o que a fazer se não fosse candidata à Presidência? Eu já tinha decidido: ia passar as eleições fazendo a campanha de candidatos comprometidos com a sustentabilidade da ética na política, de todos os partidos.

• **RICARDO NOBLAT:** A senhora diria que este governo, ao qual a senhora serviu em certo momento, foi talvez o que tenha promovido maior aparelhamento do Estado, ou está dentro dos padrões normais dos governos anteriores?

• **MARINA:** Acho inadequado a história do Estado máximo, do Estado mínimo. Trabalho com a ideia do Estado necessário. Se formos ver, proporcionalmente, nos estados, duvido se a gente vai encontrar uma realidade diferente. Vamos discutir, cada um no seu quadrado, o que precisa ser feito para que este Estado seja transparente, eficiente, profissionalizado. É isso que a gente precisa. Fazer a competição pelo caminho de cima e não pelo de baixo. A competição pelo caminho de cima: a indicação dos cargos deve ter critérios ético, técnico e político. A competição pelo caminho de baixo: é o critério político, independente da ética, independente da técnica. Isso tem que acabar. Um Estado transparente, eficiente, não aparelhado, profissionalizado. Não é Estado provedor, nem fiscalizador, como querem. É o Estado mobilizador. O Estado que é capaz de mobilizar a inventividade, a criatividade da iniciativa privada, da academia e da sociedade. Esse Estado precisa acontecer no Brasil. Estamos vivendo uma situação terrível. Por quê? A gente está vivendo uma certa prosperidade econômica, alguns avanços sociais. E, na política, o retrocesso. Olha que coisa contraditória: é o que acontece quando um país começa a progredir um pouco economicamente, socialmente, e retroceder na política? As pessoas começam a infantilizar a sociedade. Olha o que está acontecendo. Agora temos um Estado pai, um Estado mãe, Estado tio, Estado avô. E no que isso faz a sociedade brasileira avançar? A gente tem que acabar com essa visão medíocre da política. Estamos diante de um raro político em pleno século XXI, em 2010. E por que isso aconteceu? No lugar de a gente discutir o que interessa, estava todo mundo se preparando para o embate, o plebiscito, e todo mundo se preparando para medir currículo, quem é que decora mais número... Tem gente que até não vai para o debate com medo de cometer uma falha. Devo cometer muitas falhas nos debates que participo. Mas prefiro assim. E é isso que desmistifica nessa história, que você faz o

Estado que você quer, como se fosse uma continuidade da sua casa. Não é. Esse Estado, onde cabe qualquer um, não é. É o Estado brasileiro que tem que dar conta do que é atribuição de Estado, deixar para a iniciativa privada aquilo que pode ser operado pela iniciativa privada. (...) Quando eu estava no Ministério do Meio Ambiente, trabalhei muito para este Estado eficiente, transparente, impessoal, para não acontecer o que aconteceu agora com a Receita: uma gestão com pé de barro, que as pessoas estão banalizando, dizendo que isso é corriqueiro.

• **NOBLAT:** Por que, quando diz “essas pessoas”, não diz “Lula”, “Dilma”...?

• **MARINA:** As pessoas que eu digo pode ser o presidente, o ministro. O ministro banalizou da pior forma possível.

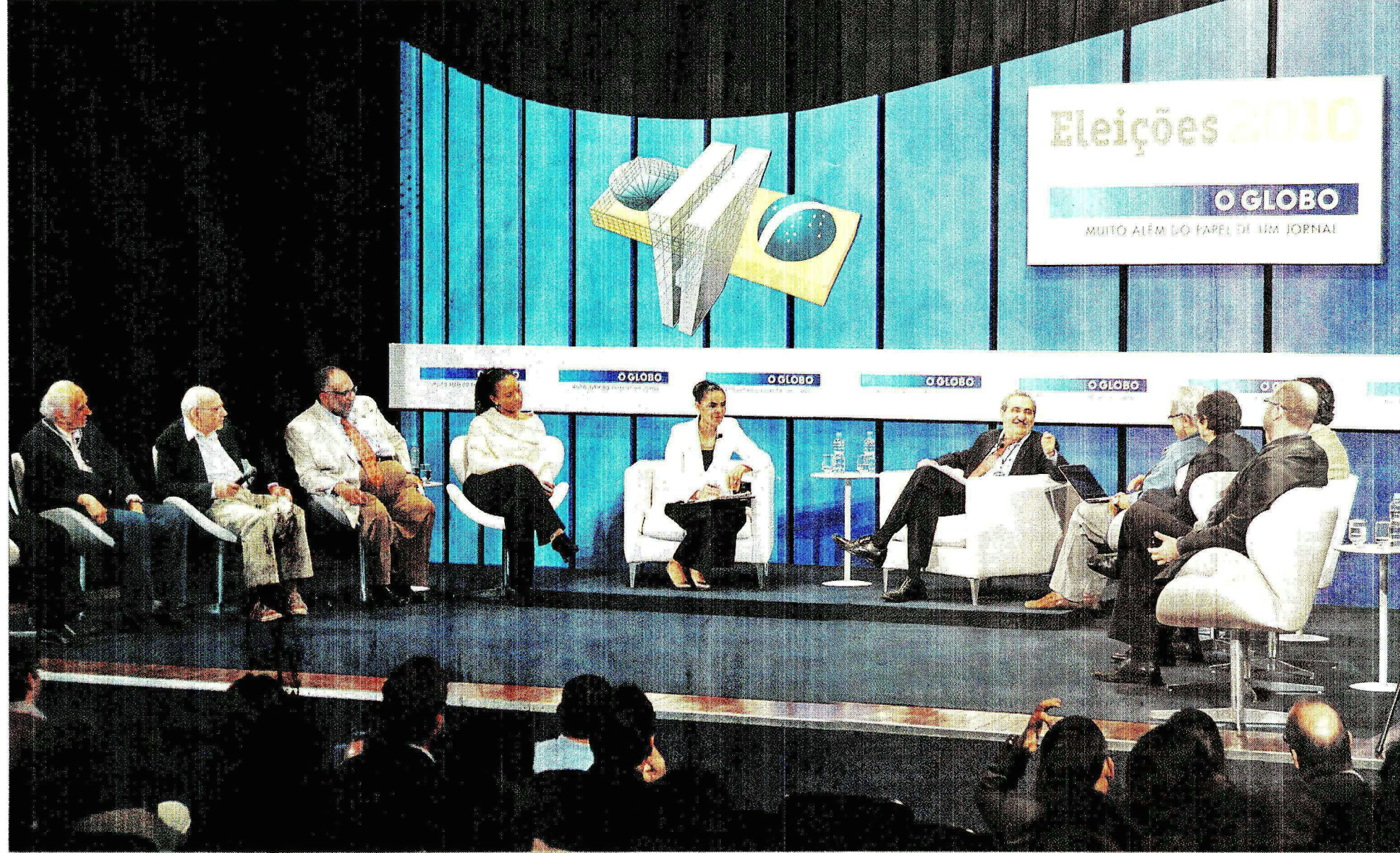
• **NOBLAT:** A senhora tentou bater só no ministro. Eu notei, na semana passada.

• **CANDIDATO:** Devo cobrar de Cesar o que é de Cesar. Se você tem um ministro responsável por uma pasta, em primeiro lugar, você cobra dele. O secretário da Receita já provou que é incompetente. A cobrança do ministro: demorou para ele vir a público, e dizer que é normal, corriqueiro. Aí veio a manifestação do presidente da República. Lamentavelmente, na forma da defesa da sua candidatura, e não dos milhares de brasileiros que tiveram seus sigilos fiscais quebrados. Quero fazer desse debate uma discussão séria. Há uma forma equivocada de lidar com a gestão pública. O que diz a Constituição? Que devemos tratar a gestão pública pelo critério da impessoalidade, da probidade, da transparência, da constitucionalidade. E a gente vê isso sendo desvirtuado o tempo todo. A sociedade brasileira está se sentindo desamparada. No primeiro momento foi o susto, indignação. E, agora, (o sentimento) é de impotência. Porque o secretário, o ministro e o presidente da República esqueceram que temos duas mil pessoas com sigilo violado, e ele saiu na defesa de quem não teve o sigilo violado. E o meu susto maior ainda: quando acontecem essas coisas, em vez de a gente discutir o que interessa, você rotula as pessoas. Quem faz a crítica é contra o Brasil. Quem faz a crítica é porque é machista. É algo que não edifica a democracia. A banalização do dolo leva as pessoas a não se importarem mais. Vão continuar (quebrando) sigilos porque agora eles estão respaldados.

• **NOBLAT:** Se a senhora fosse presidente da República, teria demitido o ministro da Fazenda ou o chefe da Receita?

• **MARINA:** Se eu fosse presidente, as investigações seriam rigorosas. Os culpados seriam responsabilizados. Não teria banalizado. Não teria usado como desculpa para dizer se o ou não é questão política. Se fosse política, era grave. Se não fosse política, era gravíssimo, porque há desconflito total. Meu trabalho transformar os funcionários da Receita em carreira típica de Estado. Aí a gente descobre que a funcionária que violou o sigilo de mais de duas mil pessoas é emprestada, terceirizada, geneticamente modificada na Receita para fazer o que fez.

• **JORGE BASTOS MORENO:** A senhora, como cristã, deve acreditar na conversão dos homens. A senhora acredita na conver-



MARINA SILVA, candidata do PV, com colunistas do GLOBO: “As pessoas começam a infantilizar a sociedade. Agora temos um Estado pai, um Estado mãe, Estado tio, Estado avô”

são do Blairo Maggi? Num evento em Mato Grosso, a candidata Dilma desfilou com ele e mostrou à população a importância que ele teria num eventual governo dela.

• **MARINA:** O governador Blairo Maggi perdeu uma dupla oportunidade, como empresário, de liderar um processo de vanguarda, integrando o meio ambiente às ações das empresas, ao agronegócio no melhor dos sentidos, como governador do estado. Quando eu era ministra do Meio Ambiente, fizemos uma das maiores operações de combate ao desmatamento em conjunto com a Polícia Federal, a Operação Curupira. Foram presos o secretário de Meio Ambiente e centenas de pessoas. Um mês depois, sentei com o governador e tratamos de uma agenda positiva para tirar o Mato Grosso da situação do vexame. Estava muito animada com a possível conversão. Em 2007, o desmatamento sinalizou que ia voltar a crescer. Tomamos medidas fortes. A conversão não se sustentou, porque ele, junto com o Mangabeira, o Stephanes e o governador de Rondônia, começou a questionar dados do Inpe, dizendo que eu e minha equipe estávamos errados. Quando percebi que poderiam ser revogadas as medidas e o desmatamento crescer por causa da pressão do Blairo Maggi, pedi para sair.

• **MERVAL PEREIRA:** Diante do fato de que a senhora, desde o início da campanha, tem registrado nas pesquisas média de dez pontos, significa que a senhora não está conseguindo convencer o eleitorado brasileiro de que a sua luta é importante para o futuro do país, assim como não con-

seguiu convencer o governo Lula, ou a senhora acha que a sociedade brasileira não tem capacidade de entender a importância do meio ambiente para o seu futuro?

• **MARINA:** Eu diria até a última pesquisa. Não sabemos o que virá na próxima. Estou muito feliz com esses 10% até agora, representa 13 milhões, 14 milhões de votos, de pessoas que estão acreditando nesse projeto, nessa nova maneira de fazer política. Uma coisa já conseguimos, quebrar o plebiscito, estou aqui debatendo o que interessa para o Brasil. Uma coisa já conseguimos: fazer com que se discutam programas. Os candidatos não tinham nem se preparado para programa. Um registrou várias versões, a ministra Dilma, o outro pegou um discurso e colocou como programa de governo. Fizemos uma plataforma, com diretrizes claras para saúde, educação, segurança, infraestrutura. E pautamos a educação como prioridade, a questão do desenvolvimento sustentável com uma prioridade. (...) Agora, se ganhar, quero ganhar ganhando. Se perder, quero perder ganhando. Tem muita gente que ganha perdendo; essas alianças todas incoerentes que têm aí, é ganhar perdendo; ganha mas não faz o que está dizendo, ganha, mas não consegue mudar a qualidade da base no Congresso, ganha mas continua refém do fisiologismo, ou do PMDB ou dos Democratas, é isso que aconteceu nos últimos 16 anos. Não sei se vocês notam, mas não faço pegadinha, casa de banana para o Serra, nem para a Dilma, para ninguém. Olho para eles com respeito, sei que são pessoas sérias, me sinto honrada

de estar aqui. Agora eu sei lá do seringa Bagaço, analfabeta até os 16 anos, ter passado pelo Mobral, supletivo de primeiro e segundo graus, chegar a essa condição de ser candidata a presidente, ficar discutindo o que não interessa para o Brasil, quando sei que existem políticas, medidas para que este país faça uma revolução na educação. Estamos perdendo os melhores postos de trabalho no Brasil por falta de investimentos na educação. (...) Insisto: o Brasil não precisa de gerentes. Precisa de quem tenha visão estratégica. Toda vez que digo isso, sinto que há uma imensa quantidade de brasileiros que estão querendo fazer isso, mas lamentavelmente estamos agora num dilema. A eleição resvalando para o vale-tudo. É um vale-tudo para ganhar eleição.

• **ELIO GASPARI:** A senhora defende a convocação de uma miniconstituinte. O que acha da proposta defendida pela candidata Dilma Rousseff para adoção do voto de lista, pelo qual o eleitor não poderá mais escolher nominalmente um candidato à Câmara dos Deputados? A senhora é a favor do voto distrital, simples, com lista, com lista aberta, fechada? Como ficaria o ato eleitoral em sua preferência?

• **MARINA:** Temos de pensar a reforma política como um todo. Se ficarmos fazendo a saladinha pontual de cada pessoa... Defendo uma reforma política em que a gente possa oxigenar a política. Antes da eleição, eu estava discutindo com cientistas políticos da USP a possibilidade de termos candidaturas avulsas como forma de oxigenar a política. Os partidos se transformaram cada vez mais em projetos de poder pelo poder. Não se discutem mais programas, ideias. O que se discute é como ganhar a próxima eleição e isso basta. Que tal a gente proporcionar a candidatura avulsa, não de uma forma qualquer, mas de uma lista com determinado número de pessoas, plataforma programática, registrada, os candidatos comprometidos com aquela articulação, para que não prevaleça o poder econômico, mas você teria quadros da academia, do empresariado, de todos os setores, para dar uma oxigenada no Congresso? A reforma política tem que ser criativa. (...) A política velha precisa toda ser reformada.

• **ZUENIR VENTURA:** Nessas eleições, há uma novidade, digamos, de gênero, que é a presença de duas mulheres com chances de chegar à Presidência. Qual é a diferença entre essas duas candidaturas?

• **MARINA:** Dilma e Serra são muito parecidos. São parecidos na visão de mundo que têm, no estilo pessoal, gerencial. Não estou dizendo isso como demérito. E até numa visão autocrática, eu sei, eu posso, eu fiz, eu vou, eu tenho, eu sou. É um excesso de eu que se coloca, quando o mundo está precisando de que a gente possa construir efetivamente esse nós

Fotos de Marcelo Carnaval

apenas pela elevação dos juros. É fundamental que se tenha controle da inflação pela redução do gasto público, não dispensando investimentos nas áreas estratégicas. Estou propondo que possamos elevar o investimento em educação de 5% para 7% do PIB. Estou propondo que tenhamos redução do gasto público pelo seguinte mecanismo: limitar o aumento do gasto público à metade do crescimento do PIB. Para que a gente possa ter um processo seguro de investimentos e evitar essa coisa perversa que foi deixando aqueles que manejam a política econômica com a boca torta, que é controlar a inflação apenas pela elevação dos juros. Não vai ter aventura em política econômica. Mas queremos qualificar esse crescimento. É fundamental que o Brasil crie novas oportunidades de investimentos. Os investimentos são baixos por quê? A poupança interna brasileira é equivalente a 18% do PIB. Não dá para ter investimento dessa forma. É preciso combinação de investimentos privados. No Brasil, a elevação dos juros prejudica os investimentos. O Brasil precisa ter política de juros compatível com o crescimento, que seja sustentado do ponto de vista ambiental e sustentável do ponto de vista ambiental.

• **ARNALDO JABOR:** No caso de segundo turno, quem a senhora vai apoiar: Serra ou Dilma?

• **MARINA:** É a pergunta mais fácil. Segundo turno a gente discute no segundo turno, e estou preparada para enfrentar Dilma ou Serra no segundo turno. Obviamente o povo vai assinar embaixo da minha ida para o segundo turno. Porque os demais já estão tão confiados neles mesmos que aposentaram o eleitor, só que agora vai começar a dar trabalho, porque se o eleitor quiser sair do anonimato, só tem uma forma: votar em Marina Silva. Aí ele vai ser o sujeito dessas eleições.

• **CORA RÔNAL:** A política externa brasileira tem começado a dar as mãos a parceiros um tanto polêmicos. O que a senhora acha da nossa aproximação com o Irã? Se eleita, pretende continuar essa política?

• **MARINA:** Temos que orientar a política externa a partir de princípios. Quais princípios devem nortear a política externa? A defesa dos direitos humanos, de uma cultura de paz e de que a democracia é o melhor caminho, sem ferir o princípio da não ingerência que deve permear as relações entre os povos. Você tem clareza desses princípios, não faz uma ética de circunstâncias. Ninguém pode ser condenado por dialogar. Tudo bem dialogar com o Irã. O problema é a oportunidade e a conveniência desse diálogo. Esse diálogo, naquela conjuntura, favoreceu um ditador que não respeita os direitos humanos, não tem liberdade política. Em relação a Cuba: o fato de termos alinhamentos político-ideológicos também não é motivo para que venhamos a relativizar princípios. Havia presos políticos? Não se poderia banalizar a situação. Se você orienta sua ação por princípios, outros países já sabem. (...) Qual a justificativa para dar audiência a um ditador que quer a bomba atômica, que diz que tem que tirar Israel do mapa? Essa visão não terá qualquer tipo de prosperidade no meu governo. Agora, mantere as boas políticas.

• **VERÍSSIMO:** A senhora poderia nos dar uma ideia de onde sairão os auxiliares mais diretos de um governo Marina Silva?

• **MARINA:** Daqueles que me deem sustentação para governar e ser minha base no Congresso. Os melhores do PT, do PSDB, do PV, enfim, do PMDB e dos partidos de tradição democrática. (...) Quem ganha se acha dono de tudo, e se acha dono do resto, terceiriza a política. Existem verdadeiros gatos da política. Sa-ba a política do gato, que tem os contrabandos? Tenho uma bancada, e não se conversa diretamente com aqueles capazes de defender um projeto. (...) Aprovei todos os projetos que mandei para o Congresso baseados em propostas, projetos, programas e não troca de cargos, fisiologismo, emendas parlamentares. Acredito nisso, trabalho por isso, e se os brasileiros acreditarem nisso, vão dissolver as velhas alianças, acabar com a terceirização, e a gente vai falar com os verdadeiros políticos para compor o governo, compor a base e uma nova História do Brasil. A reforma política começa aí.

• **FLÁVIA OLIVEIRA:** Pelas pesquisas, temos uma quase certeza de que algumas conquistas econômicas do último governo — o tripé crescimento do PIB, inflação controlada pelo sistema de metas e a questão da renda, via aumento real de salário mínimo ou programas de transferência — são determinantes na decisão do eleitor de privilegiar a candidata oficial. Qual é a agenda econômica da senhora nesses temas?

• **MARINA:** Em política econômica, não vale aventuras. Cushei a ideia das candidaturas dos últimos 16 anos e disse claramente, desde o início, que iríamos manter essas conquistas. Na política econômica, manter a questão da meta de inflação, o câmbio flutuante, a autonomia operacional do Banco Central. Falei claramente que vamos manter as políticas sociais. A meta de inflação é uma conquista e que vamos ter que manejar de acordo com a realidade. Não dá para continuar tentando controlar a inflação

• **GLOBO NA INTERNET**
VIDEO: Marina acusa Lula de ignorar o povo para defender Dilma
oglobo.com.br/pais/eleicoes2010



O PÚBLICO no auditório do GLOBO: leitores e internautas enviaram para Marina Silva perguntas sobre educação e pesquisas com células-tronco